

A PESSOA E OS VALORES, ASPECTOS DO PENSAMENTO DE MAX SCHELER

LA PERSONNE ET LES VALENRS, DES ASPECTS DE LA PENSÉE DE MAX SCHELER

César Cardoso de SOUZA NETO

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO

Este artigo oferece uma interpretação da obra Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik: Gesammelte Werke, de Max Scheler, analisando conceitos fundamentais como os de valor, pessoa, hierarquia dos valores. Aborda as influências fenomenológicas de Scheler e esclarece em que medida a axiologia possui uma dimensão antropocêntrica.

Palavras-chave: valor, pessoa, amor, fenomenologia.

ABSTRACT

This paper offers an interpretation of the Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik: Gesammelte Werke, of Max Scheler, analyzing basic concepts as value, person, hierarchy of the values. It approaches the phenomenological influences of Scheler and clarifies in degree that the axiology has an anthropocentric dimension.

Key-words: value, person, love, phenomenology.

Atualmente há um questionamento relacionado aos valores, ao que realmente seria valioso para o ser humano. Apresentamos uma análise do pensamento do filósofo Max Scheler¹, que apesar de ter vivido poucos anos, apenas 54, este filósofo de origem germânica ainda não muito conhecido no Brasil, que a partir de sua

obra principal, *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores*, propõe uma ética fundamentada nos valores, apreendida na intuição, possibilitada pela fenomenologia. Uma ética fundamentada em valores materiais *a priori*, ou seja, objetivamente existentes fora da experiência humana e apreendidos por um ato emocional, com importância dada à emoção, em especial ao amor.

⁽¹⁾ MAX FERDINAND SCHELER, (Munique, 1874 – Frankfurt, 1928), autor de vasta obra filosófica, ainda pouco traduzida para a língua portuguesa, sendo um dos mais expressivos nomes da Fenomenologia, e fundamental para a Axiologia. Através de sua principal obra desenvolvemos este trabalho, *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik: Gesammelte Werke*, Band 2 A. Francke, Bern 1954.

O objetivo principal de Scheler é resgatar o valor da pessoa humana, pois o ser humano é o valor fonte. Considera o amor como o valor central da pessoa, que a move, impulsiona e atrai, pois todos os seus sentimentos são regidos pelo amor. Para Scheler, o amor culmina no valor da pessoa e é o único caminho que conduz ao descobrimento dos valores. Fundamenta a ética dentro da axiologia como expressão plenamente humana, buscando centralizar todas as questões éticas no conceito de valor.

Sua concepção filosófica, é profundamente marcada por sua influência cristã, especialmente agostiniana, que se vê refletida no trabalhar a dignidade humana, vivenciando os valores supremos, torna-se imagem e semelhança de Deus. Esta visão do ser humano, desde os valores que configuram sua dignidade, é um dos eixos centrais do pensamento scheleriano, onde encontramos os instrumentos necessários para estudar o tema do amor e sua relação com a pessoa, nosso objetivo primordial.

Qual seria a importância do amor na construção dos valores éticos? Uma aparente liberdade, baseada na democracia e na busca da paz, do bem estar e do progresso, se apresenta à pessoa, que ao mesmo tempo se depara com guerras horríveis, devastação, perseguições raciais e religiosas, a miséria e a fome, sem conseguir vislumbrar sinais de um futuro que desperte maiores esperanças. Esta relação com o mundo no qual estamos inseridos é muito importante, pois captamos o valor com uma apreensão imediata, com um ato do sentimento, que se dirige à realidade, e nela podemos ver revelados os valores. Segundo Scheler, os valores são captados por meio das vivências emocionais, pela intuição emocional. Descobrir valores é incumbência da percepção afetiva humana, já que o ser humano é o protagonista dos valores. Mas como isso seria possível? Há uma inversão total de valores, que coloca seus abomináveis anti-valores no lugar dos valores realmente humanos, vivenciados por séculos e solidificados pelo cristianismo. Atualmente assistimos uma cultuada exaltação humana, que na realidade é totalmente falsa e artificial, promovendo os instintos mais vulgares, que verdadeiramente não passa da mais radical negação do ser humano. Nesse atual

contexto nos deparamos não somente com a degradação e a destruição da civilização ocidental, mas com a proliferação da cultura da morte.²

Temos como ponto inicial para nossa análise de aspectos do pensamento de Max Scheler, a pessoa e sua afetividade, relacionada aos valores éticos, à intuição emocional que possibilita o conhecimento dos valores e os integra à sua personalidade, da grande importância da pessoa e sua afetividade, ou seja, o amor, centro do pensamento scheleriano.

Scheler ainda é pouco estudado e poucas obras suas foram traduzidas no Brasil, o que, em parte, justifica esta pesquisa, que apóia-se principalmente na leitura do *Formalismo*, como uma introdução a alguns aspectos da relação entre a pessoa, sua afetividade e sua importância com os valores na concepção scheleriana.

OS VALORES E A PESSOA

A seus olhos os valores da pessoa figuram como fonte, da qual se origina a captação e compreensão dos valores supremos, pois os valores, sem o ser humano, seriam como uma massa sem forma. Somente a partir da concepção do ser humano redimensionado como centro das atenções é que se tornaria possível entender o valor que Scheler atribui à intuição. Ele põe em relevo a supremacia da pessoa como valor fonte em toda trama interna dos valores, a intuição da pessoa ao descobrimento dos valores. imprescindíveis ao estudo da pessoa e de sua dignidade em relação com os valores.

A HIERARQUIA DOS VALORES

Scheler descreve valores com o termo qualidades, que possuem consistência em si mesmas, independente das diversas mudanças culturais atravessadas pelo ser humano através da História.

O mundo histórico-cultural atua como um modificador dos bens, de maneira que aquilo que se considerava um bem numa época determinada, pode resultar irrelevante numa outra época; contudo, o valor que está presente nesse ou naquele bem

⁽²⁾ Cf. Marcial Maciel LC., *A Caridade Evangélica*, São Paulo, Nova Evangelização, pág. 4.

permanece inalterável. Por exemplo, o valor da cultura artística, ou seja, a estética, será sempre um valor, independente de suas concepções histórico – culturais, que mudam a maneira de conceber e expressar a beleza em determinadas épocas. Uma coisa seria o conteúdo do valor estético, e outra muito diversa sua expressão ao mundo exterior. Esta expressão se encontra sujeita às mudanças culturais e às faculdades avaliativas humanas de acordo com os padrões estéticos vigentes.

Para Scheler, seria como que desfigurar os valores pretender classificá-los num mesmo patamar que os bens, confundindo os possíveis depositários dos bens com os valores mesmos.³ Assim, estabelece uma distinção entre bens e valores, sendo os valores eternos e imutáveis, graças à sua objetividade:

“É seguro, por exemplo, que os valores estéticos correspondentes às palavras amáveis: sublime, belo, não são meros termos conceituais. Pois eles têm sua sede nas propriedades comuns das realidades, em qualidade de depositárias desses valores. O demonstra o fato que se tentamos nos apoderar de tais propriedades não ficamos com nada nas mãos.”⁴

Os valores para Scheler seriam então ontológicos, ou seja, algo de tal modo fundamental que o ser passa a ocupar sua forma:

“Todos os valores são qualidades materiais que têm uma determinada ordenação mútua, com independência da forma na qual se inclua. Assim, por exemplo, um homem resulta desagradável ou repulsivo, ou agradável e simpático, sem que possamos indicar no que consiste isso.”⁵

Os valores são referidos por Scheler como realidades, e ratifica isso buscando a verdade dos valores, pois pretende ampliar a ótica com a qual contempla a verdade.

Ao se fazer referência à verdade, sob a ótica de nossa cultura ocidental, entende-se verdade no

sentido intelectual. Scheler concorda com essa referência, porém a maior parte das definições sobre a verdade a reduzem exclusivamente ao racional, produzindo com isso um reducionismo da verdade, segundo Scheler.

Na opinião de Scheler, o aumento do prisma através do qual se pode contemplar a verdade seria produzido quando se tem em conta que o ser humano é o único ser que pode se sintonizar com a verdade, tanto num nível individual, quanto social, e no mundo que nos rodeia. A racionalidade monopolizou a verdade de tal forma que por isso, e diante disso, Scheler propõe outra visão. Contempla o ser humano em sua totalidade, não que este seja o árbitro da verdade, mas sim que a pessoa é a única capaz de captar a verdade dos valores.

Deixa claro o sentido do *a priori* dos valores; o *a priori* de Scheler são as essências e não as formas transcendentais kantianas, que são funções do intelecto. Com isso descarta o conceptualismo idealista, assim como o empirismo e o positivismo, pois graças à fenomenologia integra o caráter emotivo, como um valor. Essa integração do sentimento, do emocional feita por Scheler não seria a consideração de seu caráter subjetivo, como até então se havia feito. Ele não concorda com o reducionismo do valor ao puramente subjetivo, sabendo que tem um alcance muito mais profundo. Sob este aspecto, os sentimentos da pessoa têm um conteúdo objetivo. Por serem qualidades autênticas e verdadeiras, os valores são objetivos assim como o são também independentes de seus suportes:

“Os valores são independentes em seu ser de seus depositários.”⁶

Ademais, existem diferenças entre os valores, pois eles não são iguais. Por isso se faz necessária uma distinção entre eles, o que nos possibilita demonstrar diversos graus de valores.

O termo hierarquia é evocado por Scheler porque tem duas conotações. A primeira seria a primazia de uns valores em relação a outros, porque existem valores que se encontram no ápice enquanto outros valores se encontram num lugar secundário. A ordenação de uns valores em relação a outros, o

⁽³⁾ Cf. MAX SCHELER, *Der Formalismus in der Ethik*, op. cit., pág. 36.

⁽⁴⁾ *Ibid.*, pág. 40.

⁽⁵⁾ *Ibid.*, pág. 40.

⁽⁶⁾ *Ibid.*, pág. 41.

que significa que os valores se correspondem reciprocamente, sem solução de continuidade. Os valores, com efeito, não operam como peças soltas, mas como um conjunto unitário em harmonia com o *esse* do ser humano. Scheler hierarquiza os valores em escala, procedendo de níveis inferiores até o superior. Existe uma grande diferença entre os valores: alguns são transitórios, efêmeros, outros são perenes, eternos, em uma clara contraposição àqueles passageiros. Assim temos:

a) Valores Sensíveis

Os valores sensíveis seriam aqueles que estão localizados na base da escala de valores schelerianos.

Entre eles se destacam os valores do agradável e do desagradável, do útil e do inútil. Scheler restringe o valor do agradável e do desagradável à função sentimental, sensível, do ser humano.⁷ O estímulo sensitivo motiva a resposta a tais valores. Estes, por sua vez, procedem da sensibilidade humana, justificando a situação inferior na qual eles se encontram delimitados. Scheler situa esses valores na escala inferior da hierarquia.

b) Valores Vitais

Servem de passagem entre o último e o mais elevado na hierarquia dos valores. Trata-se do valor vital. Os valores vitais são contemplados por Scheler sob uma dupla perspectiva. A primeira faz referência ao valor da vida de modo mais amplo; a outra concerne à percepção de caráter emotivo humano em relação a esse valor.⁸ Ambas convergem no mesmo ponto focal: o valor vital. É precisamente nesta interseção de caminhos que Scheler se distancia da postura kantiana, pois julga que nem todos os valores são redutíveis ao plano hedonista, como Kant parece supor. O valor por si mesmo do vitalmente nobre, por exemplo, não se encaixa na classificação kantiana.⁹

A oposição de Scheler ao formalismo kantiano obedece, em última instância, à sua

resistência a que os valores sejam enfocados pelo racionalismo, ficando assim sem fundamento.

c) Valores Espirituais

Essa terceira esfera da hierarquia de valores scheleriana nos coloca como no alto de um monte, donde podemos contemplar os demais valores. Denomina-os valores espirituais porque estão separados do somático e do mundo que envolve essa realidade. Diferenciam-se totalmente dos valores vitais. Essa diferenciação entre valores vitais e espirituais Scheler a faz com grande atenção, ao descrever quais são os valores espirituais.

Os valores estéticos ocupam um patamar inicial, o valor da beleza e seu antivalor, a feiúra, por exemplo; pois segundo o sistema scheleriano, um valor não é devidamente cotado se não contraposto a seu contrário. O valor do belo, em suas mais variadas formas, pressupõe o antivalor do feio, enquanto este carece de unidade e proporção das devidas formas. Por outro lado, e em íntima relação com o precedente, encontra-se o valor da justiça, trazendo consigo seu antivalor da injustiça. Graças à justiça, Scheler expressa o conceito do que é justo, especificando que o valor da justiça está intimamente referido ao ser humano, pois brota de sua condição. Mas o valor determinante dessa esfera seria a verdade. Ele diferencia a verdade do conhecimento humano de todo outro conhecimento. Segundo a concepção scheleriana, o objetivo da ciência é descobrir o fenômeno, enquanto que o conhecimento é a busca da verdade em sua própria essência.¹⁰

A diferença entre uma e outra especifica a segunda área do valor da verdade, ou seja, a identificação desse valor com a própria verdade do ser humano. Perguntamos qual seria o significado dessa identificação da verdade com o ser humano, justamente nessa área? Não há nenhuma negação do valor da ciência, que Scheler reconhece como lógico.

Porém, este valor da verdade humana, em todas as suas vertentes, está muito além de toda

⁽⁷⁾ Cf. *Ibid.*, pág. 126.

⁽⁸⁾ Cf. *Ibid.*, pág. 127.

⁽⁹⁾ Cf. *Ibid.*, *idem*.

⁽¹⁰⁾ *Ibid.*, pág. 128.

técnica. A amizade e a convivência humana representam o ponto mais importante na comunicação interpessoal humana, já que é a verdade humana, porque o ser humano é antes de tudo um ser vivente que se auto – realiza ao realizar todas as virtualidades de sua verdade como pessoa, tanto no nível individual quanto no social.¹¹

d) Valores Religiosos

Vinculados à esfera dos valores espirituais, porém diversos deles, são compreendidos por Scheler os valores do sagrado e do profano, que na verdade seriam os valores religiosos, ou, valores da santidade, tendo como antivalor o profano e a descrença. Diz o filósofo:

“O santo é essencialmente um valor da pessoa.”¹²

Scheler parece não querer de modo algum significar que o ser humano sofra uma perda de sua identidade pessoal ao identificar-se com o santo, pois o ser humano está aberto ao valor de uma verdade sempre maior, que coincide com o santo como sua plenitude mesma. A pessoa que se identifica com os valores da santidade atinge o grau superior da existência humana, desenvolvendo suas virtudes no grau máximo de seu ser, redescobrando a profundidade de seu valor humano transcendente.

Segundo Scheler, o valor pessoal do santo é como ápice de todos os outros valores:

“Os valores do nobre e o vulgar são uma série de valores mais elevados que os do agradável e o desagradável; os valores espirituais formam, por sua vez, uma graduação de valores mais superiores que os valores vitais; e, finalmente, os valores do santo constituem uma categoria de valores aos espirituais.”¹³

Percebemos aqui a dignidade da pessoa. A pessoa, é um valor por si mesma, essencialmente mais elevado que outros valores, incluídos o valor da ciência, da arte, da cultura, pois estes valores espirituais somente existem em relação ao

ser humano. A pessoa, segundo a concepção de Scheler, seria portadora de valores em seus atos.

Os atos humanos são como que os suportes desse valores, os depositários desses valores. Têm um valor primacial em relação com os valores derivados do comportamento espontâneo e de reações próprios do ser humano.

O sentimento preferencial seria então a intuição que sentimos, uma simpatia que se materializa nas preferências ou oposições a determinados valores. Esta simpatia é específica do ser humano, enquanto sentimento profundamente humano, porém está ao mesmo tempo motivada por cada um dos valores na medida em que é intrínseca aos mesmos. Não é somente subjetiva, mas também objetiva, enquadrando-se com a questão do *a priori*, própria não da intencionalidade sentimental do ser humano, mas também dos valores. A elevação dos valores à região superior, num sentido hierárquico, até alcançar os valores de santidade, mostra que Scheler tem como ápice da vivência estes valores religiosos.

Os valores superiores para Scheler são aqueles que apresentam uma maior duração, e são menos divisíveis.

A hierarquia axiológica de Scheler está organizada efetivamente desde seu interior, pois as relações recíprocas entre os valores, sob o amparo da ordem superior ou inferior que cada um ocupa na escala hierárquica, obedecem à sua própria essência, à margem do conhecimento humano.

É incumbência exclusiva humana descobrir o fato da situação concreta de cada valor, em virtude de sua capacidade de preferir um a outro.¹⁴

Todo o sentido da realidade axiológica e hierárquica reside na presença do ser humano, pois as reações da pessoa aos valores se dão de uma forma dinâmica, em virtude da intuição:

“A relação recíproca dos valores superiores e inferiores unicamente se pode perceber graças à capacidade do homem de preferir ou excluir.”¹⁵

(11) Cf. *Ibid.*, id.

(12) *Ibid.*, pág. 129.

(13) *Ibid.*, pág. 130.

(14) *Ibid.*, pág. 107.

(15) *Ibid.*, pág. 109.

Quanto mais permaneça naquilo que é, tanto maior será sua superioridade, assim a duração seria um elemento essencial dos valores superiores. Dessa forma, notamos que os valores superiores se distinguem dos inferiores, que são conhecidos fenomenologicamente como efêmeros e transitórios. Os valores superiores também se diferenciam em relação aos bens, os quais são seus suportes:

“amamos uma pessoa em virtude de seu valor de pessoa. O fenômeno de duração e inclusive de perduração desses valores de amar a outra pessoa, enquanto ato de amar, está orientado ao valor da pessoa. É da essência do ato de amor o ser *sub specie quandam aeterni*.”¹⁶

O valor superior é aquele que apresenta menor relatividade, e, por conseguinte, um valor será mais elevado na escala hierárquica quanto menos for relativo, graças à sua proximidade com o valor absoluto.

Scheler situa o conteúdo do valor numa esfera diversa da do fenômeno que atua como seu suporte, susceptível de muitas variações, incapazes de esgotar sua objetividade. Por isso, é diverso o valor em si mesmo considerado. Daí nosso filósofo diferenciar os valores superiores, que são perduráveis, dos valores inferiores, pois o duradouro se opõe ao fugaz:

“Os valores mais inferiores de todos são por conseguinte os mais fugazes.”¹⁷

Confirma desta maneira o perdurar dos valores superiores e sua indivisibilidade ante os inferiores, que carecem destas características, como critério de validade de sua superioridade na hierarquia axiológica. Essa indivisibilidade é de grande utilidade para distinguir determinados valores de outros, conforme se fazem presentes e detectáveis para as pessoas. Assim, Scheler diz que:

“Os valores serão mais superiores quanto menos divisíveis forem.”¹⁸

O ser humano tem suas preferências por uns ou outros valores graças à sua experiência

fenomenológica da simpatia, pois os valores agradáveis, num nível sensível, não só têm a propriedade de extensão como são descobertos como tais pela intuição.¹⁹

Scheler, utilizando a indivisibilidade do valor da bondade, coloca-o num lugar especial, privilegiando-o. Com isso pretende destacar a relevância deste valor. A pessoa é boa, pois o ser humano não foi feito para o mal e tampouco está predeterminado a fazê-lo necessariamente, caso contrário, o ser humano seria intrinsecamente mau. A bondade é o mais atraente valor humano pois está vinculada intimamente com o amor, do qual é a expressão mais profunda. Há uma relação entre o valor de bondade, o conhecimento e a verdade para Scheler, porque somente o ser humano pode conhecer a verdade, o que torna possível essa unidade.

Não se trata de dizer que os valores sejam iguais em sua qualidade de valores, mas sim de mostrar que se encontram vinculados uns aos outros e hierarquizados.

Compara a objetividade de sua hierarquia axiológica com a estrutura do corpo humano, onde nem todos os membros ocupam a mesma categoria, ainda que sejam todos igualmente essenciais. É claro que os pés não têm a mesma importância que o cérebro, mas ambos são essenciais para o ser humano, ainda que possuam grandes diferenças de função. Pode-se viver, ainda que com muita dificuldade, sem os pés, porém seria impossível sem o cérebro. Dessa forma, existem valores diversos uns dos outros, cada um com sua função. Há aqueles que desempenham funções que se articulam com a de outros valores, assim como o cérebro coordena as atividades de outros órgãos.

Cada valor conserva sua identidade em virtude de sua inter-relação hierárquica com os valores absolutos, pois um valor nunca pode conceber-se como uma peça desvinculada das demais, estando sempre os valores inter-relacionados em suas distintas esferas.

Scheler apresenta a satisfação como uma vivência intencional do valor, pois esta se encontra associada aos valores percebidos pelo ser humano.

⁽¹⁶⁾ Ibid., pág. 112.

⁽¹⁷⁾ Ibid., pág. 113.

⁽¹⁸⁾ Ibid., idem.

⁽¹⁹⁾ Cf. Ibid., págs. 113 – 114.

A satisfação é mais profunda quando se realiza em presença dos valores.²⁰ Perceber os valores, sentir-se atraído por eles, e então vivenciá-los, proporciona uma profunda satisfação no ser humano.

Essa satisfação é diferente de qualquer outra satisfação que há, porque quanto mais elevado for o valor dentro da escala hierárquica, mais profunda satisfação produzirá.

O ser humano vive os valores, desde os inferiores, buscando sempre os valores superiores. Cada vez que ascende a valores mais elevados na hierarquia, mostra-se nesta busca aos valores supremos, que são os valores religiosos. Ao contemplar e integrar-se de forma realmente profunda com os valores religiosos, pode realizar-se plenamente pois atinge o ápice da escala de valores, atingindo assim o mais alto grau da realização.

Identificar-se com estes valores requer um sentimento de admiração, uma afetividade em relação a esses valores, pois almejamos e desejamos aquilo que cremos ser o melhor e mais necessário para que nos sintamos plenamente realizados. Esse sentimento é apresentado por Scheler como necessário para que nos sintamos atraídos a um valor; desta forma, ao perceber um valor, identificar-se com ele e vivenciá-lo envolve o amor. Esse sentimento possibilita uma comunicação da vivência destes valores supremos, pois, ao vivenciar os valores religiosos, torna-se *homo religiosus*, que possibilita o sentimento de simpatia da pessoa que ao contemplar uma outra pessoa que vivencia estes valores religiosos, interligando valores e os sentimentos.²¹

Somente a partir da concepção do ser humano redimensionado como centro das atenções é que se tornaria possível entender o valor que Scheler atribui à intuição. Ele põe em relevo a supremacia da pessoa como valor fonte em toda trama interna dos valores, a intuição da pessoa ao descobrir os valores. Poder-se-ia dizer que a intuição fenomenológica revela, a seu modo, o poder criador

humano em relação com a verdade dos valores. Essa verdade se encontraria oculta nos valores, porém só poderia evidenciar-se graças à intuição fenomenológica da pessoa. Esta, mediante a intuição, tece sua personalidade sobre o tecido dos valores, podendo dizer que estes são análogos à matéria do fio de ouro e da seda que servirão de suporte, como num bordado, à esplêndida obra humana: a configuração de si mesmo.

A pessoa e os valores

O ser humano vai tomando consciência de seu ser pessoal conforme desce aos estratos mais profundos de sua vida pois, como diz Scheler,

“os atos brotam da pessoa.”²²

O ser humano comporta-se de tal maneira, em suas ações, que reafirma sua personalidade, pois o ser humano, para Scheler, encontra-se instalado desde seu nascimento na direção de sua realização plena.²³

Mas o que seria a pessoa para Max Scheler? Ele mesmo responde - pessoa é:

“a unidade de ser concreta e essencial de atos”²⁴

ou seja, não é um simples conjunto de atos que se unem num ponto comum, mas a autoconsciência é a sua realidade prioritária. A autoconsciência seria sinônimo de identidade, e compreende todas as virtudes da pessoa, mas que vínculo existe entre a pessoa, sua dignidade e os valores?

Para Scheler, o sujeito de toda atuação é sempre o ser humano, pois em cada ação ele deixa sua própria marca pessoal.

Ao analisarmos as afirmações de Scheler sobre o valor, verificamos que o valor da pessoa seria o mais concreto dos valores, justamente porque é da pessoa, ser concreto, ou seja, a pessoa seria um valor fonte, o que o leva a descrever a intencionalidade da pessoa até seu próprio valor.²⁵

⁽²⁰⁾ Ibid., pág. 116.

⁽²¹⁾ MAX SCHELER, *Wesen und Formen der Sympathie*, Die deutsche Philosophie der Gegenwart, A. Francke, Bern und München, pág. 109.

⁽²²⁾ MAX SCHELER, *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik. Neuer Versuch der Grundlegung eines ethischen Personalismus*: Gesammelte Werke, Band 2, A. Francke, Bern, pág. 180.

⁽²³⁾ Cf. Ibid., idem.

⁽²⁴⁾ Ibid., pág. 393.

⁽²⁵⁾ Ibid., pág. 511.

Sustenta que a pessoa deve tender intencionalmente a seu próprio valor. Essa tendência tem um significado muito específico, de maneira que o ser humano deve perseguir como objetivo de seu fazer não seu aperfeiçoamento axiológico como um fim imediato, mas como horizonte dos valores buscados por ele. O ser humano atinge sua própria perfeição ao buscar o fim autêntico do valor de seu atuar.

Na descrição do vínculo da pessoa com os valores, Max Scheler foge sempre dos fins imediatos, que impediriam a dignidade e o valor da pessoa.

Mas qual a importância de Scheler num mundo onde os anti-valores são tão exaltados? A diferença abissal entre o valor da pessoa e os outros valores seria aquela que mostra a pessoa ser o sujeito ativo dos demais valores. Scheler busca recolocar a pessoa no centro do valor mais profundamente humano, naquele que lhe corresponde, por sua dignidade de ser racional e livre, pois o ser humano é o único ser capaz de descobrir os valores, pois estes nunca fenecem, são imutáveis, absolutos e eternos.

Segundo Max Scheler, o ser humano possui uma intuição emocional, graças à qual não só conhece os valores, mas os integra à sua própria personalidade. Isso a enlaça logicamente com a hierarquia axiológica como uma escala ascendente, assim como uma rampa que possibilita ao ser humano a ascender aos valores supremos. A diversidade dos valores, a partir dos sensíveis, passando pelos culturais até os espirituais e religiosos, denota um relevo e integração total dos valores no ser humano.

Scheler se distancia do formalismo kantiano, por isso não poupa esforços para buscar incansavelmente a verdade integral do ser humano, seriamente comprometida pela perda da segurança do conhecimento do mundo exterior, no qual se encontra inserida a pessoa. Ele formula uma concepção que promove a unidade total do ser humano, onde a experiência intuitiva da pessoa recebeu um impulso inédito, e, longe de ignorar o

valor da racionalidade, chega a potencializá-la, desenvolvendo a correlação da intuição emotiva com o valor. Scheler tem como objetivo resgatar o valor da pessoa humana, pois o ser humano em sua concepção é o valor fonte.

O amor, associado à vontade, seria o mais nobre de todos os sentimentos humanos, pois teria a primazia sobre os outros. A conexão do amor com a experiência intencional brota da própria natureza do amor, pois este é prioritariamente experiência, ao fazer participar a pessoa de maneira ativa no próprio ato de amar. Amar significa comunicar-se, que é o dom de si mesmo aos demais, para que se construa uma unidade interpessoal. Demonstrando a importância da relação afetiva, que se faz comunitária.

Nesse particular, Scheler assegura que amar a outrem, como um amigo, denota sempre que se sai de si mesmo para participar de maneira direta na própria realização do outro.²⁶

Podemos responder à questão da importância do amor na construção dos valores éticos, demonstrando que Scheler considera o amor como valor central da pessoa, que a move, impulsiona e atrai, e em consequência, encontra-se tão relacionado com a pessoa que prima sobre qualquer outra faculdade, pois todos os sentimentos, nos quais culmina a intencionalidade emotiva e nos quais qualquer valor alcança seu ponto mais elevado, estão regidos pelo amor.

O amor, axiologicamente considerado, é um ato da pessoa; é de tal sorte livre que é criador, porque dá a vida ao ser que ama, conferindo assim valor àquilo que ama. Aquele que ama tende a elevar a pessoa amada, e ao elevá-la eleva-se a si mesmo.²⁷

Por isso, Scheler especifica o que faz o amor em relação ao seu termo que é a própria pessoa. As coisas não podem ser o fim do amor porque são reassumidas na pessoa, e somente nela se desvela o valor das coisas. A pessoa é a raiz na qual as coisas revelam seu valor, pois o eu não pode existir senão pela afirmação do caráter pessoal do sujeito amado.²⁸ Segundo o sistema scheleriano aqui

⁽²⁶⁾ Cf. MAX SCHELER, *Schriften aus dem Nachlass: Ordo Amoris*, Band 1: Zur Ethik und Erkenntnislehre: Gesammelte Werke, Band 10, A. Francke, Bern 1957, pág. 356.

⁽²⁷⁾ Cf. *Ibid.*, pág. 358.

⁽²⁸⁾ Cf. MAX SCHELER, *Der Formalismus in der Ethik*, op. cit., pág. 259.

estariam as grandes diferenças entre o amor e o entendimento humanos. O entendimento tende à realidade tal como é apreendida. O amor adere à pessoa conforme é em si mesma. Por isso, o amor leva a um conhecimento superior da pessoa que escapa ao entendimento. A razão exige assentimentos incondicionais; mais ainda, pretende convencer o outro. O amor, pelo contrário, não só respeita as diferenças pessoais, como que as assume conscientemente para que a união interpessoal seja fruto de sua riqueza pluralista. Por isso, a irredutibilidade da pessoa, marca de sua dignidade, ficaria totalmente a salvo, no exercício do amor.

O entendimento humano seria universal em todas as suas direções. O amor, de sua parte, é também universal mas é concreto em sua aplicação; sempre se refere à pessoa tal como é aqui e agora, ainda que contemplada com visão superior de seu valor universal.²⁹ Esta prioridade do amor não significaria que o amor esteja se distanciando dos valores, pois o amor é um valor, enquanto é a ação mais elevada da própria pessoa. Sob este aspecto, Max Scheler fundamenta a ética dentro da axiologia, como expressão plenamente humana. É a tentativa de centralizar todas as questões éticas no conceito de valor.

Isso o coloca em desacordo com o formalismo kantiano ao mesmo tempo que recusa o relativismo dos valores éticos. Diz ele:

“Os valores são independentes dos bens e irredutíveis às tendências e aos estados afetivos. Escapam a toda explicação psicológica e histórica; e constituem um *a priori* fechado ao entendimento; porém acessível a uma percepção afetiva. Pois o homem não é o fundamento dos valores, senão anteriormente, seu sujeito. O homem, enquanto homem, não é senão o lugar e a ocasião para o nascimento dos valores.”³⁰

Em outras palavras, os valores são certamente do ser humano, mas não têm sua origem nele, pois o ser humano não coloca os valores na existência, não os cria, unicamente ilumina o lugar onde eles se encontram, a fim de desvendar o fenômeno que os envolve.

Podemos assim esclarecer o problema que descobrir os valores não é da incumbência do entendimento, segundo nosso autor, mas da percepção afetiva humana, pois a pessoa é portadora de valores ao mesmo tempo que constitui o valor de sua personalidade, que tem primazia sobre todos os demais valores intramundanos.

Mas como isso é possível? O ser humano é o protagonista dos valores, não no sentido de que tal valor chegue a esgotar-se nele, mas no aspecto de participar do valor sapiencial. O ser humano é capaz de comunicar-se de maneira interpessoal, o que é certamente um valor de caráter social, conforme sua própria condição humana. A comunicação representa o mais valioso do ser pessoal humano, ou seja, é sua atualização, pois a condição livre e emotiva da pessoa parece cristalizar em sua comunicação.

Somente a pessoa pode comunicar seu pensamento livre e emotivo sobre si mesmo; um ser dotado de entendimento não pode não ser intercomunicativo, como uma luz não pode deixar de iluminar. Porém os fatos empíricos nos mostram que muitas pessoas não se comunicam, umas porque não podem, outras, porque não querem. Muito longe de negar tais fatos, como exceção à regra geral, a comunicação expressa as capacidades de raciocinar e de ser livre próprias no ser humano. Toda pessoa está dotada da faculdade da comunicação interpessoal, por mais anti-social e agressiva que possa ser.

A comunicação é um valor enquanto atualização do ser humano, ressaltando uma vez mais a dimensão comunitária da afetividade humana, concretizando o valor de sua dignidade intrínseca.

A comunicação interpessoal, que surge de sua dignidade, encontra-se atualmente associada ao conceito dos direitos humanos, como o respeito e a promoção da dignidade humana, e esta menção aos direitos humanos, no nível de sua fundamentação, ilumina interiormente o caráter ativo e axiológico da ética.

O valor ético da pessoa existe graças à dignidade do ser humano. O valor da ética seria

⁽²⁹⁾ Cf. MAX SCHELER, *Der Formalismus in der Ethik*, op. cit., pág. 262.

⁽³⁰⁾ MAX SCHELER, *Die Stellung des Menschen im Kosmos*, op. cit., pág.189.

unicamente referente ao ser humano, sendo que ficaria sem sentido pretender falar de ética de seres não humanos. Unicamente o ser humano poderia ser o sujeito dos valores éticos, graças à sua própria condição.

Somente o ser humano é capaz de sentir e de experimentar como corresponde a um ser racionalmente livre, de modo que os sentimentos humanos não podem equiparar-se a nenhum outro ser da criação. São sentimentos que nascem de um ser dotado de razão; mais ainda, de um ser que pode amar de um modo exclusivamente próprio graças à sua percepção afetiva da realidade.

Os valores objetivos, segundo Scheler, têm consistência em si mesmos, independentemente da pessoa que os realize ou contemple. O valor da beleza de uma paisagem, por exemplo, é real, seja ou não admirado pelo ser humano. Scheler afirma que a objetividade axiológica é a peça central de seu sistema.³¹ A axiologia objetiva de Scheler é a novidade mais importante de seu sistema.

O conhecimento do ser humano entraria primeiramente pela porta de seus sentidos, que são fidedignos; penetra depois no conhecimento dos fatos, mediante a intuição das essências valiosas que são da competência dos sentimentos emotivos do ser humano. A ajuda que o ser humano recebe para conhecer não vem de algo externo a ele mas, ao contrário, tudo provém do próprio valor de sua pessoa.

Percebemos a grandeza e o mérito de Scheler ter colocado em relevo esta realidade, ignorada, ao menos na prática, pelo idealismo, porque sua teoria sobre os valores objetivos supõe a contrapartida do conhecimento intuitivo de sua essência axiológica, por parte do ser humano. Por isso, salvar a objetividade dos valores pressupõe reconhecer o valor integral do ser humano, de seu conhecimento, de sua vontade e de seus sentimentos espirituais. Mais uma vez, notamos o ser humano, em sua totalidade, como protagonista dos valores.

A objetividade e a hierarquia dos valores incidem diretamente sobre a ética enquanto representam sua melhor defesa, pois ao justificar a coerência do próprio sistema ético se solidificam, ao mesmo tempo, as bases que o sustentam.

Scheler não somente relaciona o objeto com o sujeito, mas vai muito além.

Desvela o valor da pessoa, como valor fonte, protagonista de todo o processo relacional.

A FENOMENOLOGIA SCHELERIANA

Scheler abriu um novo caminho para a solução do problema do conhecimento da objetividade, abordando a questão a partir da fenomenologia, porque o conhecimento marca todo o ser humano. Não é somente uma função de caráter intelectual, mas sobretudo maior participação ativa do ser humano na transformação que implica a aquisição de todo o conhecimento. Por isso, descreverá à fenomenologia não só o conhecimento racional, mas sobretudo o intuitivo, específico dos sentimentos no que concerne aos valores.

Percebe-se claramente que Scheler toma uma direção diversa de seu mestre Husserl. O maior ponto de diferenciação entre a fenomenologia scheleriana e a husserliana seria justamente esta outra fonte de conhecimento, defendida por Scheler, com sua afirmação da objetividade dos valores, porque estes são unicamente descobertos graças à intuição emotiva da experiência fenomenológica. Compraz-lhe denominar a intuição das essências como experiência fenomenológica. Tal intuição leva a pessoa a alcançar sua própria identidade, ao nível superior, porque unifica seu conhecimento da realidade, por uma parte, e porque a vincula relacionando com seu redor, por outra. Para Scheler o mundo das pessoas e das coisas é parte essencial do ser humano.³² Assim o horizonte da filosofia se torna mais amplo e abrangente na intuição fenomenológica, pois se converte em algo eminentemente vital para o ser humano, deixando de ser uma questão estritamente teórica e abstrata para abarcar também o terreno da práxis.

A intuição dos sentimentos marca de tal maneira o ser humano que suas demais faculdades ficam unificadas com a forma de sentir da pessoa, e nos questionamos, existe alguma diferença na intuição?

⁽³¹⁾ Cf. MAX SCHELER, *Der Formalismus in der Ethik*, op. cit., pág. 63 e pág. 202.

⁽³²⁾ Cf. *Ibid.*, pág. 407.

Scheler diferencia totalmente a intuição emotiva da simples intuição sensível. A primeira é própria de toda pessoa, enquanto a segunda é particular de seus sentidos. Para Scheler, o ser humano tende espontaneamente e naturalmente ao bem valioso, e o sujeito desta tendência são seus sentimentos superiores.

Scheler recoloca o ser humano num mundo de valores objetivos, começando por reconhecer sua pessoa, que é o valor fonte. Descobre a realidade completa do ser humano, não só como ser humano, mas vinculada ao mundo que o cerca, pois está inserido num mundo, presidido por este. A pessoa não pode dissociar o valor de sua afetividade do valor de sua condição racional, porque os afetos da pessoa se encontram referidos à sua inteligência na relação de causa e efeito. Podemos usar os sentimentos de simpatia, sempre destinados a seres humanos e não a animais ou a coisas. Os sentimentos do reino animal diferenciam substancialmente daqueles dos seres humanos, pois os sentimentos humanos estão associados com seu caráter racional e livre.

A DIMENSÃO ANTROPOCÊNTRICA DA AXIOLOGIA

Scheler não duvida em reconhecer valor aos sentimentos como impulsores da atuação da pessoa, porém não se pode esquecer que todos os sentimentos humanos estão regidos por sua inteligência, daí, pois, que não se pode separar o valor dos sentimentos humanos de seu caráter racional. Existe entre a razão e os sentimentos humanos uma total simbiose, porque ambos pertencem à mesma pessoa. Porém, há uma prioridade do valor da razão da pessoa sobre os sentimentos graças à hierarquia axiológica, pois o mais específico humano é precisamente sua racionalidade.

A unidade do ser humano é entendida na axiologia scheleriana como a integração plena do mesmo, no nível de sua identidade substancial e de sua auto possessão pessoal, mostrando a convergência de todas as forças humanas no ponto focal de sua pessoa, sendo o reencontro da pessoa com ela mesma na plenitude de seu ser pessoal. O ser

pessoal seria o valor fonte pois todos os valores, inclusive os mais elevados como os religiosos, têm relação com o ser humano, porque o descobrimento de qualquer valor, incluindo aqui os espirituais, são específicos do ser humano, depois porque os valores apontam sempre à pessoa.

Os valores vivem às expensas do ser que os mantêm como tais, por isso parece contraditória toda linha divisória entre ambos; não se pode desunir aquilo que está unido, senão há uma destruição dos valores ou do ser. Associar os valores ao ser denota levar a sério os valores, enquanto objetivos. O próprio Scheler afirma:

“O valor da pessoa é o valor dos valores.”³³

Todo valor se polariza no ser humano e recebe sua consistência do ser pessoal. Desta maneira se produz uma reconciliação entre o valor e o ser, superando todo antagonismo entre o valor objetivo e o ser pessoal.

O ser humano conquista sua identidade pessoal graças ao desdobramento de todos os valores de seu ser pessoal, se auto-aperfeiçoa de maneira similar ao de seu desenvolvimento físico, o que lhe assegura poder conseguir total maturidade em sua vida.

Em Scheler a axiologia reconquista sua dimensão antropocêntrica pois o ser humano aparece como o fim dos valores na área do ser pessoal, sendo a pessoa essencialmente o valor mais profundo, como valor fonte, através do qual todos os valores são captados e vividos. É a experiência de caráter intuitivo emotivo, pela qual o ser humano se faz partícipe dos valores os integrando em sua personalidade. O ser humano, em sua condição de agente principal, toma parte ativa na incorporação dos valores à sua pessoa.

A pessoa enquanto valor não vale simplesmente, ela é. Não seria como um ímã que atrai valores, mas faz muito mais, fundamenta todos os valores, no nível de seu ser pessoal; daí a relação entre o ser humano e os valores.

Diante do problema das constantes mudanças ocorridas no decurso da História Humana, não existiria uma mudança dos valores em cada época histórica distinta? Notamos que os valores éticos

⁽³³⁾ Ibid., pág. 513.

recebem novas interpretações devido às mudanças histórico-culturais. A história é testemunha do progresso de tais valores, e, por isso, uma interpretação adequada deles não pode fazer-se à margem dos condicionamentos históricos.

Os valores se desenvolvem na história estando inscritos nela, mas sem depender dela, em virtude de sua origem. É justo reconhecer que a história é o cenário onde são gerados, e inclusive da aparição de valores, pois o ser humano é um ser histórico. Não cabe a menor dúvida de que há encarnação dos valores na história, e, conseqüentemente, que há mudanças dos mesmos no devir dos acontecimentos.

A dialética da transformação dos valores seria comparável ao que sofre o organismo da pessoa nas sucessivas etapas de sua infância, adolescência, juventude, idade adulta e velhice. A pessoa passa de uma etapa a outra de sua vida não só sem perda de sua identidade, mas antes aquilatando sua transformação etária ao seu desenvolvimento fisiológico. Algo de semelhante ocorre nas coordenadas variáveis dos valores que são certamente históricos, já que se desenvolvem certamente na história, porém não são produto de suas atividades mutáveis.

Os valores conservam sua entidade substantiva, não obstante suas contínuas adaptações aos novos tempos. Porém se mantêm idênticos a si mesmos, graças à sua capacidade de adaptação.

A relação dos valores à dignidade humana parece ficar justificada pelo mesmo significado da dignidade de pessoa, porque esta não é só

“um ser individual e único, distinto de qualquer outro, senão que seu valor é também individual e único”³⁴,

porque seu ser pessoal detém essa dignidade específica. Por isso Scheler desenvolve o conteúdo do valor do modelo de uma pessoa, fundamentando este valor no ser humano em virtude de sua dignidade, porque o ser humano é o único ser capaz de progredir em sua auto-realização, graças ao descobrimento cada vez maior de sua própria identidade. O ser humano tem que saltar além do individualismo para alcançar a marca de

sua autêntica realização. O valor social do ser humano funde suas mais profundas raízes na sua identidade pessoal.

Podemos concluir que o ser humano não existe para a sociedade, mas a sociedade para o ser humano, porque a sociedade está constituída de pessoas ao serviço delas. Atualmente, nota-se uma massificação da pessoa, graças ao desenvolvimento da sociedade que parece absorver o ser humano. Estamos muito longe da verdadeira convivência social, tão distante da massificação.

A dignidade é, na concepção scheleriana, um valor essencial humano, que concerne ao mais profundo de seu ser pessoal, porque seria justamente aquilo que o torna verdadeiramente pessoa, e, somente nesse sentido, a personalidade humana é suscetível de um aumento qualitativo. Seria um fundamento dinâmico, que pode progredir ininterruptamente até sua própria identificação, e somente o ser humano é capaz de tomar consciência cada vez maior de seu valor e de um maior desenvolvimento de sua liberdade pessoal.

Scheler entende este valor da livre auto-realização humana através da participação do amor no núcleo pessoal, como o momento interno da auto-realização humana, pois o ser humano é o valor fonte, a força que move os valores, tendo estes sentido em sua relação com ele. Esta nova visão do ser humano, desde os valores que configuram sua dignidade, é um dos eixos centrais do pensamento scheleriano.

O objetivo principal de Scheler é resgatar o valor da pessoa humana, se opõe energeticamente ao relativismo que mede todos os valores com a mesma medida, porque, se tudo é igual, nada é diferente, e conseqüentemente tudo se desfigurará ao cair no mesmo abismo do relativismo. Defende não só a personalidade humana, como também não escapam a sua atenção certo empirismo reducionista, que pretendia fazer uma leitura unicamente coisista dos valores, dissolvendo assim sua hierarquia.³⁵

O AMOR E OS VALORES

O valor da identidade do ser humano não é um conceito abstrato, mas uma realidade viva, uma

⁽³⁴⁾ Ibid., idem.

⁽³⁵⁾ Cf. Ibid., pág. 85-86.

“experiência de valores” na linha da vivência mais profunda da pessoa. E essa experiência não se pode dar sem amor, porque está estreitamente associada ao amor. A definição do amor nos justifica a vinculação íntima que existe entre o amor e o valor:

“O amor é um movimento até um valor positivo.”³⁶

Movimento em seu duplo sentido, primeiro, enquanto um ato da pessoa, e segundo, porque comporta a adesão do ser humano a alguém ou a algo. A esfera deste movimento pode ser interna ou externa, segundo seja um ato de amor interior ou que tenha alguma expressão visível; um exemplo do primeiro caso seria a estima que alguém pode experimentar por um amigo, sem que esse chegue a sabê-lo. A exteriorização deste apreço constitui o segundo caso.

Há uma diferença fundamental entre conhecer e amar, pois o conhecer capta o conteúdo da realidade de fora para dentro, porque parte dos sentidos, passando pela abstração à universalização do conceito. O amar faz um caminho inverso, partindo de dentro para fora, ao aderir à realidade, seja de uma pessoa ou de um objeto. Ainda na hipótese de um ato interno de amor, o movimento registra o mesmo processo, porque adere a um valor positivo, experimentado como presente. A lembrança dos pais, por exemplo, pode suscitar no filho que vive muito longe deles um ato interno de amor, como que evocando sua presença.

O valor positivo seria concretamente a razão do movimento do amor, diante do ódio que seria a repulsão a dito valor. O valor positivo enquanto um bem para mim, segundo Scheler, desencadeia o movimento do amor, porque todo ser humano busca naturalmente aquilo que lhe é conveniente.³⁷

Sem dúvida, uma dificuldade advém nesta descrição scheleriana do amor, referida ao valor, pois parece que só o amor egoísta, que seria um arremedo do verdadeiro amor. Porém, existem dois planos os quais devemos diferenciar; um seria a atitude pessoal e outro seria o da mesma natureza do amor. O primeiro poderia bloquear o movimento

do amor, devido a suas diferenças substantivas que o anulariam. O segundo, pelo contrário, representa o amor em seu dinamismo natural em posse do valor. O objetivo desse segundo aspecto seria responder à questão: o quê seria o amor no sistema scheleriano, então? Com este fim, Scheler contrapõe com toda precisão o que é o autêntico amor daquilo que não o é. Por isso a característica mais específica, segundo Scheler, é sua orientação ao valor da pessoa:

“O amor se dirige integralmente aos valores pessoais de caráter positivo.”³⁸

Esse distintivo personalista do amor se encontra inscrito na natureza de seu movimento que:

“o amor só se dirige ao bem enquanto é portador de um valor pessoal.”³⁹

A razão dessa consangüinidade entre o amor e a pessoa, que é um valor propriamente tal, constitui a simbiose entre a pessoa, o amor e o valor, formando um laço extremamente forte e que não se pode romper, próprio do amor.

Só se pode amar às pessoas, as coisas não podem ser fim do amor humano, por sua condição de objetos de utilidade, pois o ser humano só se serve delas. Por isso, a pessoa nunca pode ser contemplada através da utilidade, porque isso equivaleria fazer dela um objeto, o que feriria sua dignidade. O amor da pessoa por outra seja susceptível de aumento incessante, porque pode crescer a claridade de seu valor, antes oculto.⁴⁰ Por exemplo, o amor da amizade entre duas pessoas pode ganhar em intensidade, conforme surjam novas virtudes que intensificam suas pessoas. O aumento do amor, no exemplo citado, não obedece à descoberta de qualidades ignoradas, mas ao aprofundamento do laço entre o amor e o valor pessoal, pois se produz uma personalização cada vez mais intensa do amor, até culminar no valor da unidade dos que se amam como se fossem uma só realidade.

O amor proposto por Scheler é prioritariamente axiológico, a associação do amor pessoal

⁽³⁶⁾ MAX SCHELER, *Wesen und Formen der Sympathie*, op. cit., pág. 146.

⁽³⁷⁾ Cf. MAX SCHELER, *Der Formalismus in der Ethik*, op. cit., pág. 257.

⁽³⁸⁾ MAX SCHELER, *Wesen und Formen der Sympathie*, op. cit., pág. 145.

⁽³⁹⁾ MAX SCHELER, *Wesen und Formen der Sympathie*, op. cit., pág. 146.

⁽⁴⁰⁾ MAX SCHELER, *Wesen und Formen der Sympathie*, op. cit., pág. 146.

ao valor significa a ratificação da verdade deste amor. Isso ocorre especialmente porque Scheler destaca o amor como ato fundamental da pessoa em seu sistema axiológico, e bastaria evocar a relevância que atribui à intuição afetiva como peça básica para a descoberta dos valores.⁴¹ A pessoa necessita do amor como do oxigênio para viver, e o valor seria como que a espinha dorsal do amor. O amor é eminentemente pessoal, provém da pessoa, e é por sua vez sustentado por ela, porque toda razão de ser do movimento afetivo é precisamente o valor pessoal.

Somente dessa maneira o amor culmina no valor da pessoa que enlaça com todos os demais valores que possa possuir, só assim o amor seria plenamente pessoal, já que os valores pessoais só são concretizados quando se encontram referidos a um indivíduo. O contrário disso levaria à desintegração de tais valores, tornando-os simples imaginação. A verdadeira amizade, por exemplo, caminha na aceitação recíproca de ambos os amigos. É o respeito ao ser da pessoa que brota no amor mútuo e verdadeiro. Isso equivale a aceitar as limitações humanas existentes em ambos, porque o motivo da aceitação da pessoa é justamente o anseio do melhor para ela, como se tratasse de si mesmo. Busca-se a promoção do outro, sem imposição alguma. Assim é pensada a verdadeira amizade.

Contudo, não está excluída a hipótese de um amor não correspondido e desprezado; porém, mesmo neste extremo, o valor e a nobreza de quem assim ama demonstram a grande dignidade humana. Ou seja, o procurar que outro logre expressar o valor de sua identidade no maior grau possível, reverteria sobre a perfeição no que assim amasse, como a figura geométrica do círculo, cujos pontos equidistantes estão na mesma distância do centro, parafraseando Scheler.⁴² E suponhamos que o amor consistisse em descobrir valores mais elevados da pessoa para propiciar seu desenvolvimento. O que aconteceria se tais valores não existissem? Por acaso acabaria o amor pessoal? Scheler responde que não só não acabaria o amor pessoal, mas se redobraría sua intensidade, porque o movimento

do amor sempre se dirige ao ser valioso da pessoa. Essa concepção scheleriana proporciona coerência sobre a fenomenologia do amor, cujas linhas fundamentais coincidem com o valor pessoal, em plenitude, pois o valor da identidade da pessoa permanece, apesar da mutação e mesmo da perda de suas qualidades no decorrer do tempo.

Para Scheler, a plena sintonização pessoal com o outro significa amar tanto quanto o outro ama, fundir o amor com o outro na plenitude do nós, num amor único.

Nesta formulação, Scheler nos mostra suas profundas raízes agostinianas. Santo Agostinho, cujo pensamento tanto influenciou nosso filósofo, é fundamental para nosso autor quando fala que devemos amar o ser humano enquanto humano. Notamos assim que ambos convergem-nos no ponto focal do amor.⁴³

A proposição da dignidade humana como valor radical parece explicar a relação interna entre a pessoa e os outros valores, e justifica a validade universal dos valores, graças ao caráter universal da pessoa, proporcionando uma resposta à nossa questão inicial sobre a relação da dignidade da pessoa e os valores. O amor humano nunca pode estar separado da própria fisionomia de seu valor pessoal, como a pessoa não pode estar dissociada de sua identidade.

O amor ao valor rompe, no ser humano, a fonte da relatividade do ser. O amor é o valor central da pessoa, a move, dá-lhe impulso e exerce atração. O amor que proporciona ao ser humano sentir-se atraído pelos valores e vivenciá-los. O que caracteriza atingir o ápice da hierarquia dos valores é o autodomínio dos impulsos instintivos que condicionam sempre a percepção sensorial natural. Este autodomínio destrói a concupiscência natural, condição moral para que o conhecimento seja plenamente adequado.

O amor respeita as diferenças e nos atrai para uma amizade profunda e sincera onde nos aprofundamos cada vez mais. A amizade possibilita a comunicação destes valores exercendo uma atração, pois uma das características humanas é a comunicação, que concretiza o valor de sua digni-

⁽⁴¹⁾ Cf. *Ibid.*, *idem*.

⁽⁴²⁾ Cf. MAX SCHELER, *Wesen und Formen der Sympathie*, op. cit., pág. 167.

⁽⁴³⁾ Agostinho, Santo, Confissões IV, 7, 12.

dade. Amar é comunicar-se, pois comunicamos aquilo que sentimos, que amamos, construindo uma unidade.

Percebemos que poucos filósofos desprezaram a importância do amor como Max Scheler.

Contrastando com um mundo consumista, marcado pelo egoísmo perverso, pela violência, pelo ódio, pela ambição cega, pelas paixões desenfreadas, onde as pessoas têm valor enquanto consomem ou são objetos de consumo, e diante da cultura do efêmero e passageiro notamos a importância e a urgência de Scheler e sua teoria dos valores objetivos, indicando uma nova interpretação dos verdadeiros e profundos valores, capazes de transformar.

Que o ser humano compreenda que seus anseios de felicidade não serão completados com os anti-valores, mas que devem procurar em si mesmos, em seu interior, valorizando-se como seres humanos, chamados à dignidade do amor⁴⁴. Somente compreendendo esse vínculo entre a dignidade pessoal, seu conhecimento, de seus sentimentos e o amor fará com que possam firmar suas bases, no amor, ressaltando a integridade e a dignidade do ser humano, de sua vontade de atingir o ápice.

Um valor não se aprende como um dado qualquer, se assimila, se vivencia. Scheler nos mostra que somente o exemplo de uma vida autêntica, a verdadeira e profunda amizade, ressaltando a dignidade humana tornam-se o caminho para que vivamos os autênticos valores e experimentemos.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Principal:

MAX SCHELER, *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik: Gesammelte Werke*, Band 2, A. Francke, Bern 1954.

_____. *Die Stellung des Menschen im Kosmos*, Späte Schriften: Gesammelte Werke, Band 9, A. Francke, Bern 1955.

_____. *Schriften aus dem Nachlass*, Band 2, Erkenntnislehre und Metaphisik. hgg. Bern: M.S. Frings, A. Francke, 1959.

_____. *Schriften aus dem Nachlass: Ordo Amoris*, Band 1: Zur Ethik und Erkenntnislehre: Gesammelte Werke, Band 10, A. Francke, Bern 1957.

_____. *Schriften aus dem Nachlass*, Band 3, Philosophische Anthropologie. Bonn: hgg. M.S. Frings, 1957.

_____. *Schriften aus dem Nachlass*, Band 4, Philosophie und Geschichte. Bonn: hgg. M.S. Frings, 1955.

_____. *Späte Schriften: Die Stellung des Menschen im Kosmos*, Gesammelte Werke, hgg. M.S. Frings. Bern, 1955.

_____. *Vom Umsturz der Werte*. Abhandlungen und Aufsätze. Bern: hgg. M. Scheler, 1955.

_____. *Wesen und Formen der Sympathie. Die deutsche Philosophie der Gegenwart.*, A. Francke, Bern und München, 1973.

Bibliografia Complementar:

DERISI, O. N. *Max Scheler: Etica material de los valores*. Madrid: EMESA, 1979.

DUPUY, M. *La Philosophie de Max Scheler. Son évolution et son unité*. 2 vol. Paris: PUF, 1959.

AGOSTINHO, Santo. *Confesiones*. Madrid: BAC, 1965.

FRONDIZI, R. *¿Qué son los valores? Introducción a la axiología*. 17ª. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

LAMBERTINO, A. *Max Scheler, Fondazione fenomenologica dell'etica dei valori*. Firenze: N.I.E., 1977.

MACIEL LC., Marcial, *A Caridade Evangélica*, São Paulo, Nova Evangelização, 1994.

PUPI, A. *L'uomo 'risentito'*. Milano: Rivista di Filosofia Neoscolastica 63, 1971.

SEVERINO, Antônio J., *Metodologia do Trabalho Científico*, São Paulo, Cortez, 2001.

SCIACCA, M. F. *La filosofía hoy*. Barcelona: Miracle, 1957.

SUANCES, M. A. *Max Scheler, Principios de una ética personalista*. Barcelona: Herder, 1986.

WILLIAMS L.C., Thomas, *Construyendo sobre roca firme*, México, Nueva Evangelización, 1999.

WOJTYLA, K. *Max Scheler y la ética cristiana*. Madrid: BAC, 1982.

⁽⁴⁴⁾ Cf. Marcial Maciel LC., *A Caridade Evangélica*, São Paulo, Nova Evangelização, pág. 6.

